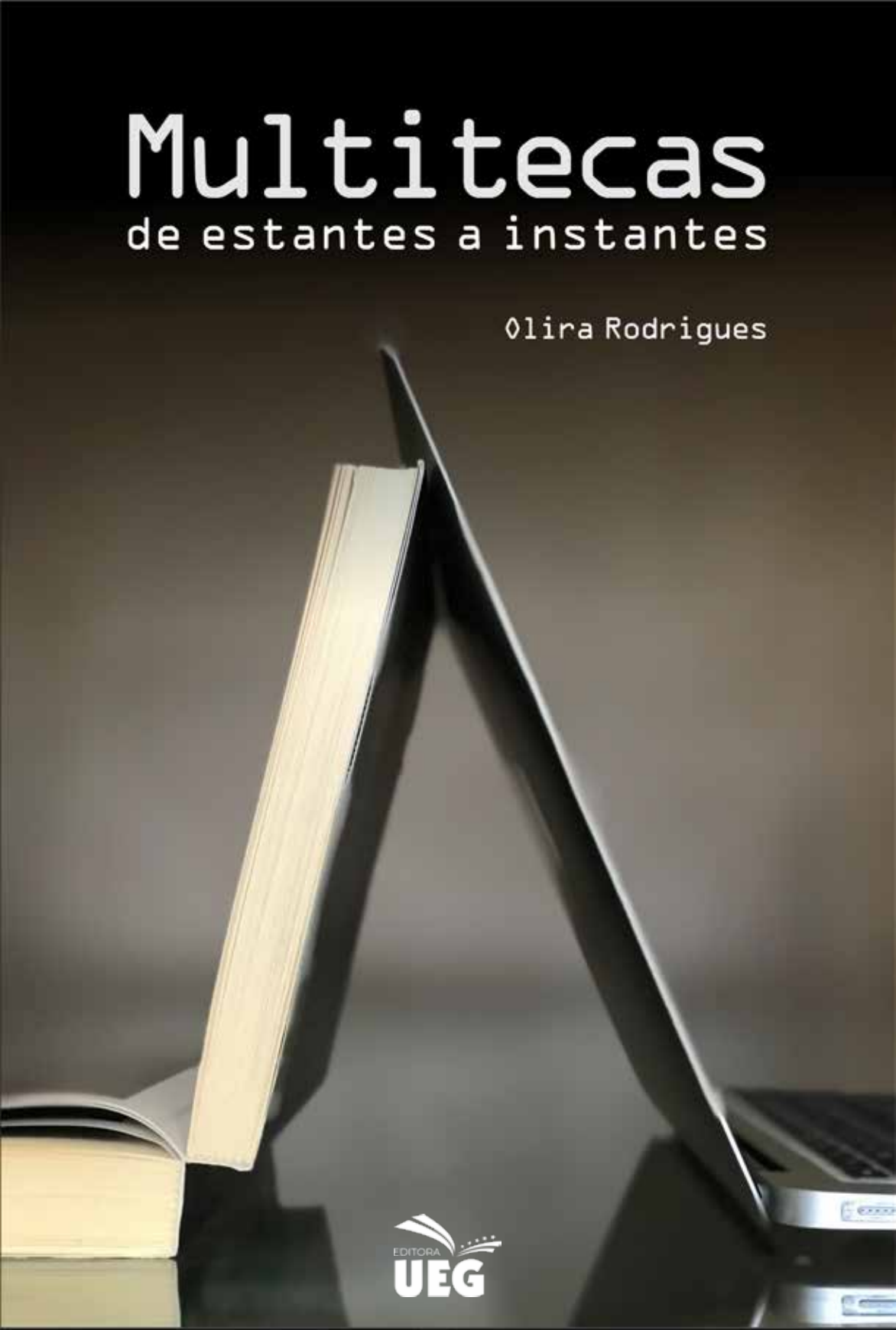
Multitecas
de estantes a instantes

Olira Rodrigues



EDITORA UEG

Olira Saraiva Rodrigues

Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestra em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Doutora em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutora em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Profissionalmente, docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Multitecas

de estantes a instantes

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Presidente
Ivano Alessandro Devilla (Reitor)

Vice-Presidente
Everton Tizo Pedroso (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral
Elisabete Tomomi Kowata

Revisão Técnica
Danila Laiana da Silva Mello
Thalita Gabriele Lacerda Ribeiro

Revisão Geral e Linguística
Olira Saraiva Rodrigues

Capa
Witter Martins Rodrigues

Projeto Gráfico
Adriana da Costa Almeida

Conselho Editorial
Carla Conti de Freitas (UEG)
Elizete Beatriz Azambuja (UEG)
Francisco Ramos de Melo (UEG)
Glauber Lopes Xavier (UEG)
Joana D'arc Bardella Castro (UEG)
Joelma Abadia Marciano de Paula (UEG)
Léo Carrer Nogueira (UEG)
Luciana de S. Ondei (UEG)
Luciana Rebelo Guilherme (UEG)
Maria Aurora Neta (UEG)
Murilo Mendonça Oliveira de Souza (UEG)
Simone de Magalhães Vieira Barcelos (UEG)
Thatiana Salgado (UEG)
Vanessa Cristiane S. Amaral (UEG)
Vandervilson Alves Carneiro (UEG)

Olira Rodrigues

Multitecas
de estantes a instantes

EDITORA UEG

ANÁPOLIS | 2019

© Editora UEG – 2019

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei no 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme decreto no 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

Catalogação na Fonte
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE), Universidade Estadual de Goiás

D569 Rodrigues, Olira.

Multitecas: de estantes e instantes / Olira Rodrigues. – Anápolis: Editora UEG, 2019.

84 p.

ISBN: 978-85-5582-066-3 (E-book)

1. Humanidades Digitais. 2. Cultura Digital. 3. Bibliotecas contemporâneas. 4. Multitecas. I. Título.

CDU: 002

Elaborada por: Ceila da Silva Rodrigues CRB 1/2218

Esta obra é em formato de e-Book e foi produzida com recursos da própria autora. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade da autora.

Editora filiada a ABEU

EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área – CEP 75.132-903 – Fone: (62) 3328-1181 – Anápolis-GO
www.editora.ueg.br / e-mail: revista.prp@ueg.br/editora@ueg.br

Se na antiguidade os astecas dominaram o México central,
Na contemporaneidade, as tecas conectam-se à cultura digital,
Com íntimos desejos, histórias, imagens,
Por ventura, em aventuras, desventuras e viagens,
Suscitam leituras com novas paisagens.

Bibliotecas com coletâneas, coleções, seleções,
Repertórios, repositórios, copilações, compilações
Basculam suas tradições e contradições,
Ressoando consonâncias e dissonâncias,
Em fabular e confabular ressonâncias.

O contexto digital, defluindo posições,
Composições e recomposições,
Na cultura contemporânea,
Imprimem-se vivências,
Do material ao (i)material, em confluências.

Léxicos e ícones em vetores de devir,
Espaços singulares com arfantes do porvir,
Modus operandi no entremeio das pulsões,
Como lugares de confrontos e tensões,
Em redes semânticas de conexões.

Cultura de leitura em incessante semeadura,
Com conectividade na contemporaneidade.
Práticas inovativas, com tecnologias assistivas,
Consentem as acessibilidades, inclusive
Com possibilidades, de outras discursividades.

Bibliotecas, midiatecas, discotecas,
Pinacotecas, mapotecas, videotecas,
Dentre tantas outras tecas,
Com acesso e compartilhamento,
Unidas tornam-se multitecas.

Olira Rodrigues

APRESENTAÇÃO

Esta obra é produto de um pós-doutoramento em Estudos Culturais realizado pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC) da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), finalizado em 2019.

O percurso investigativo foi desenvolvido sob supervisão do professor Cleomar Rocha que, irrestritamente, possibilitou o entretecer do tema por meio de diálogos e escritos. Para tanto, segue um agradecimento especial a esse pesquisador que interviu e interferiu significativamente nesta produção científica.

Pensar e aprender em tempos de conexão faz parte do engendramento deste estudo, a partir de reverberações da Cultura Digital, com um exercício de distanciamentos em sofismas evanescentes para aproximações em silogismos efervescentes.

Reflexões a partir da gênese dos papiros e pergaminhos – bibliotecas vegetais e animais – para o contexto contemporâneo que ecoa em modelos das bibliotecas do século XXI – bibliotecas tradicionais, bibliotecas digitais, midiatecas e multitecas – como espaços integrados. As multitecas a partir de um novo conceito de biblioteca, aglutinado a todas as configurações de tecas já existentes com idiossincrasias em coexistência.

O intuito é partilhar as urdiduras que envolvem toda a pesquisa, lampejando clarões e fagulhas no universo científico que fulguram das bibliotecas contemporâneas, serpenteando relâmpagos e faíscas de inquietações epistemológicas.

Um convite para uma viagem por entre espaços de leitura, espaços de livros, livres das prensas e costuras lombares, livres de estantes em nossos instantes, cujas impressões alinhavam experiências plurissensoriais.

INSTANTES AFETIVOS
(ou se preferir, prefácio)

Não me lembro mais qual foi nosso começo.
Sei que não começamos pelo começo.
Já era amor antes de ser
(Clarice Lispector)

O amor em Clarice alcança a autora desse belo livro através de suas entrelinhas, naquilo que deixa escapar, o não-dito. Apaixonada por Clarice, Olira faz evidenciar instantes afetivos pela literatura, seus objetos e utensílios e, sobretudo, pela leitura e seus espaços, onde, inclusive, sempre encontrou refúgio.

Se arvorando a trilhar caminhos diversos ao longo da sua trajetória, Olira nos presenteia com essa publicação que repre-

senta, dentre outros aspectos, o retorno ao seu *locus* de afeto, lugar de partida e que, encontrando inspirações muito além de intelectuais, envolve seu leitor em uma escrita cheia de sentimentos que podem ser pescados entre as linhas que se sucedem.

O leitor desse livro, então, ganha um texto que, no atual contexto, se insere como uma obra de caráter acadêmico – e de relevante contribuição científica – mas que, em sua tessitura, pelo refinamento estilístico próprio da autora, invade seus legentes com pura poesia.

O legente tem em suas mãos uma obra que, partindo das estantes como símbolos dos espaços de guarda do conhecimento ao longo do tempo, alcança as atuais conformações das biblio/mídia/tecas fazendo ver um conceito mais pertinente ao contexto contemporâneo, o das MULTITECAS. Admitindo a conectividade como força motriz que faz reconfigurar o *modus operandi* historicamente tecido pelos/nos espaços de leitura, Olira faz revelar transformações em curso que estão a operar rupturas historicamente assentadas, sobretudo, acerca das noções de posse e de guarda e sua transmutação em lógicas de acesso e compartilhamento. Nesse horizonte, o termo MULTITECAS surge a partir de uma inspiração, desvelando espaços físicos e/ou digitais de coleções diversas dadas em conectividade, reverberando em múltiplos pontos de presença que se espraiam em experiências sensíveis.

Multitecas: de estantes a instantes, sem dúvida alguma, faz avançar as discussões acerca das transformações ora sofridas no *locus* do saber e esse texto é um convite para

que se deixe levar pelos sentimentos que permeiam as linhas dessa obra, permitindo-se contaminar pela sintaxe envolvente que revela sua autoria somente para leitores atentos e sensíveis.

Boa leitura!

Carina Ochi Flexor

SUMÁRIO

Apresentação 9
Instantes afetivos (ou se preferir, prefácio) 11

Leituras 17
Papiros, pergaminhos e outros percursos 23
Contemporaneidade: uma coletânea 33
Emergências e incunábulos digitais 41
De estantes a instantes 53
Recapitulando 71

LEITURAS

Neste novo século, a sociedade encontra-se em uma conjuntura de acelerada reconfiguração. Embora a reconfiguração seja uma constante social, na atualidade, esse processo é mais dinâmico e intenso. Tais reconfigurações afetam todas as esferas, seja no contexto histórico, seja no contexto cultural, a sociedade está cada vez mais imersa a linguagens, tecnologias e influências diversas, advindas de novos processos comunicacionais.

Todo ambiente sociocultural é formado por meio de uma trama, tracejada por vórtices identitários, que perfilam linguagens, estruturas e territórios, propulsores de devires. A essa situação ininterrupta de reconfiguração, compreender e apreender as tendentes mudanças que operam no

contemporâneo reconhece e legitima a diversidade constitutiva dos comportamentos sociais.

Diante desse quadro, o estudo refere-se a um pequeno recorte por meio das mutações no campo da cultura contemporânea, não enquanto mero modismo, mas por uma emergência da realidade não circunscrita. Assim, compete aos pesquisadores dessa cultura analisar, refletir, repensar e reposicionar seus estudos e práticas, com um enfrentamento ao novo e à mobilidade ideológica.

E, primando por esse recorte, a análise mais acurada versará, na contemporaneidade, sobre a cultura digital, a partir das formas imateriais que a significam, que transcende uma análise da inserção de aparatos tecnológicos, reverberando em urdiduras socioculturais.

Tomando como ponto de partida que a sociedade contemporânea se encontra imersa em uma nova página da história, associada à transformação tecnológica e à globalização, a proposta é destrinçar alguns conceitos concernentes a alguns aspectos que caracterizam esse contexto, tendo a tecnologia e sua aderência à cultura como pontos de observação. Em especial, o foco está voltado para a cultura digital e seu amálgama ao espírito de nosso tempo, o Zeitgeist[1].

Todo esse contexto faz eclodir uma realidade que se torna evidente: a necessidade de se ponderar o aspecto fluido do lugar na contemporaneidade e apresentando a linha de raciocínio que compõe essa propositura de análise, interessa olhar para a biblioteca – não enquanto

1 Termo alemão que significa espírito do tempo.

espaço físico, mas espaço cultural – em metamorfose, por meio de novas configurações para atender seus usuários ao mesmo tempo em que esses mesmos são a mudança em exercício, isso sem desconsiderar os aspectos formais e simbólicos do ambiente materializado. Nesse caso, há uma subversão, criam-se espaços, criam-se modalidades com novas sensibilidades.

Adredemente, este estudo alvitra debruçar em questões basilares e balizares das novas configurações de espaços dedicados à leitura no século XXI. Nesse processo, a compreensão de particularidades e de complexas transformações sofridas pela sociedade faz necessitar uma reflexão sobre o contexto cultural que envolve os espaços das bibliotecas, repensados a partir de distintos espaços de leitura, que possibilitam conhecimento, convívio, interação e entretenimento.

O primeiro aspecto dessa pesquisa delineia um estudo de espaços singulares, caracterizados por bibliotecas, datados e analisados em sua historicidade, na consideração da emergência representativa, com base em um momento histórico inicial, demarcando o surgimento e legitimação e, posteriormente, em outro momento contemporâneo, diante da cultura digital, demarcada por um contexto tecnológico, para findar nas distintas configurações de bibliotecas do século XXI.

Para tanto, desbravar os espaços de leitura, configurados em naturezas diversas, com características singulares, monofônicas e polifônicas, includentes e excludentes, em tempos e espaços distintos, torna-se necessário, no intuito

de se compreender a relação desses espaços com os novos contextos contemporâneos, diante de seus propósitos.

Assim, o passeio proposto nessa leitura propõe um desfrutar os jardins das tecas de leitura, que trazem um aroma fresco de configurações possíveis que percorrem desde as bibliotecas físicas, também conhecidas como bibliotecas tradicionais ou convencionais, às bibliotecas digitais, midiatecas e multitecas.

A vida é um livro de leitura contínua e constante. Lê-se em todo o tempo e lugar o mundo. O processo de leitura não se restringe a escritos verbais, muito menos à materialidade livresca. Para tanto, os espaços de leitura, tratados neste estudo, não reconhecem uma visão de uma leitura circunscrita em materiais escritos, simplesmente, mas em conexão com todas e quaisquer mídias. No exercício da preexistência, existência e coexistência das bibliotecas, sequencialmente como espaço de leitura antes do termo biblioteca se legitimar, depois com as bibliotecas consolidadas enquanto espaços de leitura e aquisição de conhecimento, para findar com novos ramos lastreados, configurados em novas possibilidades de espaços, a partir das bibliotecas digitais, midiatecas e multitecas, em que as formas de partilhar se ampliam.

De abordagem qualitativa, o trabalho se estrutura a partir de investigação descritiva e pesquisa bibliográfica. Para tanto, a referida análise se alicerçou também em uma perspectiva dedutiva, quando o quadro teórico eleito sustentou os recortes e ângulos de observação. Com as distinções e aproximações observadas na pesquisa, pelo reco-

nhecimento de diferenças e contradições dos referidos espaços, avançou-se para as características pluridimensionais do objeto de estudo. Desse modo, partindo das duas primeiras instituições legitimadas, a análise salta para o contemporâneo, discutindo a lógica de disponibilização de materiais de leitura na caracterização não somente espacial e física, mas em sua funcionalidade, pelas diversidades de tecas (coleções), diante das demandas do século XXI.

A estrutura deste livro se constitui desta parte, nominada "Leituras", onde se apresenta a temática, além dos procedimentos metodológicos que nortearão a pesquisa. Enquanto desenvolvimento, há quatro capítulos (descritos abaixo) e, por final, a parte "Recapitulando", como considerações possíveis durante todo o percurso da investigação.

O primeiro capítulo "Papiros, pergaminhos e outros percursos" discorrerá a respeito das duas primeiras principais bibliotecas registradas mundialmente, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo, com suas particularidades e contextos históricos da época, lançando algumas hipóteses, por meio de algumas análises associadas a contextos bíblicos quanto à obtenção do conhecimento.

No segundo capítulo "Contemporaneidade: uma coletânea", a análise versa sobre a cultura contemporânea, adentrando ao conceito de Humanidades Digitais, concebido como um liame com a alteridade capaz de compor novas práticas e suscitando novas formas de vivenciar experiências sociais. Além do conceito de conectividade, a partir de tensões epistêmicas de diálogos e códigos, por meio de léxicos, números, ícones como vetores de devir, a fim de se

repensar em como as balizas entre espaços fechados e abertos estão sendo significadas distintivamente.

O terceiro "Emergências e incunábulos digitais" refere-se à cultura digital, notadamente diante da existência de conflitos nas bases valorativas socioideológicas, com destaque, nos últimos tempos, não somente para a inserção tecnológica, mediante à possibilidade de singularizar a experiência de acesso à leitura, tornando-a experiência fundante, mas sobretudo em novas significações e práticas sociais.

O último capítulo "De estantes a instantes" abordará as tecas de leitura, como lugares de confrontos e tensões. Espaços onde se instalam as histórias e conhecimentos de uma época, ressoam consonâncias e dissonâncias, com suas tradições e contradições, na discussão de tendências e desafios mais significativos com o acesso às tecnologias emergentes, modificando as formatações das bibliotecas do século XXI, com novas visualidades, em relação a tempo e espaço.

Assim, versar sobre biblio/mídia/multi/tecas[2], como aqui proposto, é reconhecê-las como *locus* de trajetórias singulares e de possíveis interações sociais, vislumbrando formas peculiares de integração e capilarização de conhecimentos a partir de novas contextualizações.

---

2 A escolha de escrita biblio/mídia/multi/tecas, para se referir a bibliotecas, midiatecas e multitecas, foi intencional, compreendendo a barra comum, representada pelo sinal "/" como um caractere, primeiramente, visual, diante da disposição dos livros nas estantes e, posteriormente, por ser utilizado na informática para separar as subpáginas de seus domínios maiores, com presença comum em endereços eletrônicos. Por isso, o subtítulo: de estantes a instantes.

PAPIROS, PERGAMINHOS E OUTROS PERCURSOS

A escrita propõe um estudo das duas primeiras principais bibliotecas registradas mundialmente – a partir do século III a. C. –, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo. Enquanto célebres bibliotecas da história da humanidade, foram consideradas os centros do saber da antiguidade.

De acordo com Cunha (1997), a palavra biblioteca é originária do grego bibliotheke, que nos chegou por meio da palavra em latim bibliotheca, derivada dos radicais gregos biblio e teca que, respectivamente significam livro e coleção ou depósito (CUNHA, 1997).

Conforme Pinho e Machado (s.d.):

> Toda a saga das bibliotecas antecede a própria história do livro e vai encontrar abrigo no momento em que a humanidade começa a dominar a escrita. As primeiras bibliotecas que se tem notícia são chamadas minerais, pois seus acervos eram constituídos de tabletes de argila: depois vieram as bibliotecas vegetais e animais, constituídas de rolos de papiros e pergaminhos. Essas são as bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses. Mais tarde, com o advento do papel, fabricado pelos árabes, começam-se a formar as bibliotecas de papel e, mais tarde, as de livro propriamente dito.

Desse modo, surge uma problemática quanto ao verbete biblioteca e sua etimologia biblio (livro) + teca (coleção ou depósito). Como poderia ser considerado o local "biblioteca" antes do surgimento do próprio livro? Pinho e Machado (s.d.) e Flower (2002) afirmam que a existência de bibliotecas se materializou antes da dos livros e até mesmo dos manuscritos.

Mas como se chamava esse lugar? Historicamente, não se tem registro da nomenclatura do espaço onde ficavam os acervos que antecederam os livros. Provavelmente, não era biblioteca, exatamente por sua etimologia. Para tanto, neste estudo será tratado de biblioteca, primeiramente, por não haver registro de outra denominação para tais ambientes com essa propositura e, posteriormente, pelo termo ser utilizado por estudiosos que pesquisam esses espaços.

Iniciando com as bibliotecas vegetais e animais, tem-se duas robustas bibliotecas, historicamente reconhecidas, a Biblioteca de Alexandria e a Biblioteca de Pérgamo, data-

das em períodos anteriores ao livro impresso[1], pois somente em meados do século XV, mais precisamente em 1454, que Gutenberg inventa a imprensa, trazendo, assim, a agilidade na produção dos primeiros livros impressos, conhecidos por incunábulos[2].

> Resultado final de longa evolução técnica, a imprensa não tem, ao aparecer, caráter revolucionário: sua finalidade era apenas executar o trabalho do copista de maneira mais rápida e econômica. Os primeiros livros impressos – "incunábulos" – procuram não quebrar tradições, adaptando as convenções existentes à nova técnica: são, por assim dizer, "manuscritos impressos" (LECOCQ-MULLER, 1951, p. 4, grifos da autora).

Os incunábulos subsistem 50 anos desde a invenção da imprensa, para, posteriormente, alcançar o formato e nominação livro. A primeira obra impressa foi a Bíblia, enquanto incunábulo.

A Biblioteca de Alexandria foi a maior e mais importante biblioteca do mundo antigo, construída em Alexandria, Egito. Essa biblioteca pertencia ao império macedônico, situada a oeste do Rio Nilo, às margens do Mediterrâneo e esteve em funcionamento por seiscentos anos, sendo destruída definitivamente entre os anos de 250 d.C a 270 d.C (FLOWER, 2002).

---

1 No decorrer dessa pesquisa, o livro impresso também será tratado de livro físico e de livro material.

2 Do latim "cunabulum" – berço. O termo foi inicialmente empregado para designar os primeiros livros impressos calcados sobre o manuscrito; seriam, aproximadamente, os livros impressos na Europa ocidental até 1500 e na Europa setentrional até 1550. Posteriormente o termo tomou sentido mais genérico, passando a designar os primeiros livros impressos de um país, independentemente de suas características ou de data. (LECOCQ-MULLER, 1951, p. 4).

> Numa versão mais prosaica, seus conselheiros (Alexandre Magno) teriam observado que uma cidade construída em uma faixa de terra entre o mar e o Lago Mareótis logo atrás teria a) acesso fácil ao Nilo e ao Delta e b) uma fonte permanente de água doce, vital para o projeto. E ao construir uma estrada elevada para a Ilha de Faro, ele poderia, sem muito esforço, ter o maior e melhor porto da bacia oriental do Mediterrâneo, abrigado dos ventos etesianos e das perigosas correntes do oeste (FLOWER, 2002, p. 13).

Como um espaço considerado atualmente patrimônio científico, histórico e cultural, a Biblioteca de Alexandria continha um vasto acervo de aproximadamente 400.000 (quatrocentos mil) rolos de papiro, incentivando o espírito investigativo de cientistas e literatos da época, representados por uma minoria de sábios e da elite intelectual. De acordo com Flower (2002), a biblioteca foi conceituada como:

> (...) um centro de cultura e pesquisa em Alexandria que rivalizaria com os de Atenas, Pérgamo e Cirene, e transformaria a cidade no epicentro da erudição. O resultado foi a formação do que se tornaria a primeira grande biblioteca e centro de pesquisa internacional. Abrigado ao recinto real, o acesso ao Museu e à Biblioteca era limitado de início aos convidados do rei. Mas rapidamente, à medida que o número de rolos e códices cresceu e que sábios locais e estrangeiros eram convidados a estudar ali, o local se transformou em um lugar de estudo público para eruditos reputados (p. 25).

Em primeira instância, as bibliotecas mantinham-se fechadas, com somente uma pequena parcela da socie-

dade tendo acesso a elas. Enquanto depósitos, um espaço muito mais de esconderijo que revelação, bem como um ambiente de silêncio. Assim, vinculavam-se a algo sagrado, como os próprios mosteiros e conventos (FLOWER, 2002) (JACOB, 2000).

Em um segundo momento, caracterizavam-se enquanto lugar de estudo, no entanto, em ambos os casos, os silêncios prevaleciam e permaneciam taciturnamente. Apenas com a difusão do papel e o surgimento de tipografias, que possibilitaram a fabricação em série, as bibliotecas passam a ter caráter público, com localização acessível e, principalmente, caráter intelectual em diferentes áreas do conhecimento, destoando das bibliotecas antigas e medievais, consideradas lugares contrários à democratização do conhecimento.

Assim, a biblioteca adquire um novo conceito, de não se restringir a guardar e armazenar somente, mas possibilitar o acesso à informação, propiciando sua expansão em ritmo acelerado nos séculos que se sucederam.

Mesmo, atualmente, considerada a mãe das bibliotecas e precursora do centro do saber, guarda da memória, com intuito de engrandecimento da ciência e da cultura ocidentais, constituindo um papel fundamental na disseminação da cultura leitora, a Biblioteca de Alexandria sofreu um incêndio o que provocou sua total destruição.

Já, a região de Pérgamo, atual Turquia, desenvolveu o formato em pergaminho, justamente por conta de uma proibição de importação do papiro, utilizado em Alexandria. Tal substituição levou à confecção de um material produzido à

base de uma folha fina de pele de ovelha ou cabra. A proibição da exportação do papiro para Pérgamo, pelo rei Ptolomeu V, egípcio, visava à tentativa de dificultar o crescimento da Biblioteca de Pérgamo, preservando a Biblioteca de Alexandria o título de maior importância em quantidade e qualidade (BÁEZ, 2004).

> Quase à sombra, ferozmente ignorada, a história da biblioteca de Pérgamo é, apesar de seu misterioso desparecimento, um marco tão fascinante quanto a biblioteca de Alexandria, de que foi rival. Segundo Estrabão, foi fundada pelo rei Eumênio no século II a. C., com a intenção de provocar os monarcas de Alexandria (BÁEZ, 2004, n.p).

Assim sendo, a Biblioteca de Pérgamo, com cerca de 200.000 (duzentos mil) pergaminhos, traz consigo uma independência de gregos e romanos em relação aos egípcios, diante da inserção do pergaminho. Dessarte, tanto a Europa quanto a Ásia se beneficiaram em relação à propagação de conhecimento na época, por intermédio desse centro de referência cultural (BÁEZ, 2004).

Pérgamo, segundo relato bíblico, registrado no livro de Apocalipse[3], representa, outrossim, uma das sete igrejas (cada uma em uma cidade), que recebeu as cartas de revelação escritas pelo apóstolo João, enquanto estivera preso na ilha de Patmos[4].

> O livro do Apocalipse era originalmente uma carta circular enviada para sete igrejas da Ásia (Ap 1.4):

3 Apocalipse 2: 12-17.
4 Apocalipse 1: 9.

> Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Esta carta circular deveria ser lida perante a congregação que se reunia em cada uma dessas cidades (LIMA, 2012, p. 81).

A cidade de Pérgamo, onde se situava tanto a biblioteca quanto a igreja, tornou-se um notável centro da civilização, enquanto polo religioso e cultural na época. No entanto, de acordo com Silva e Tada (s.d.), ser cristão em Pérgamo não era simples:

> A Igreja de Pérgamo se manteve firme apesar da pressão externa. Porém alguns integrantes passaram a professar "falsas doutrinas", ou seja, uma doutrina diferente da que a Igreja acreditava, e portanto, era considerada falsa. Como consequência, antigas práticas pagãs haviam se infiltrado na Igreja. Para essa Igreja só restavam duas opções, o arrependimento, ou a condenação (SILVA; TADA, s.d., p. 3).

De acordo com a história bíblica, a cidade obtinha um grande envolvimento com a idolatria, em adoração a diversos deuses, como, por exemplo, Asclépio, considerado o deus da cura. O tempo desse deus era repleto de víboras, simbolizando a cura para quaisquer enfermidades mediante contato direto com tais animais.

Provavelmente, devido ao caráter de cientificidade que resvalava a região com sua imponente biblioteca – atraindo estudiosos e pesquisadores da época, principalmente na área da medicina, cujo símbolo é a serpente –, acentuava-se o distanciamento de práticas doutrinárias. Pois, de acordo com Lima (2012, p. 128), "em Pérgamo havia uma

igreja fiel, no sentido de não capitular diante da perspectiva do martírio, seu grande problema, contudo, estava no aspecto doutrinário".

Biblicamente, a serpente, por sua vez, faz alusão ao primeiro pecado da humanidade, registrado no livro de Gênesis, com o episódio da desobediência de se comer o fruto da árvore da vida no Jardim do Éden[5]. A árvore é apresentada e registrada, em Gênesis, como a árvore do conhecimento do bem e do mal, com a proibição instituída por Deus a Adão de não se comer do fruto.

> E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás (GÊNESIS, 2:16,17)

A tentação de desobedecer envolvia obter conhecimento antes de aprender a obedecer. A figura da serpente, metaforicamente, representava a criatura sagaz, astuta e esperta, além de contrária à figura de Deus. Em diálogo com Eva, o animal instiga Eva ao descumprimento da proibição e, assim, à desobediência.

> Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o SENHOR Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis para que não

5 Gênesis 3.

> morrais. **Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.** E viu a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento; tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. **E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isto? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.** Então o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isto, maldita serás mais que toda a fera, e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás, e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar (GÊNESIS, 3:1-15, grifo nosso).

Em Apocalipse, como todo texto literário, utiliza-se de intertextualidade, referindo-se não somente em relação entre um texto e outro, mas ao curso de influências contínuas. Em intertextualidade e analogamente, na atualidade,

a religião (fé) e o conhecimento intelectual (ciência) raramente apresentam alguma simbiose.

A fortiori ratione, naquela época, essa relação era muito mais discrepante. Talvez, uma das razões de Pérgamo ser apontada como uma igreja tão distante dos preceitos considerados bíblicos se justifique por estar em uma cidade caracterizada, também, como uma fonte científica, abrigando a segunda maior biblioteca da antiguidade na mesma cidade.

O contexto bíblico trata do tema conhecimento expandido como uma tensão que se aproxima (no princípio, Deus era o verbo[6])/distancia de Deus. Desse modo, tais apontamentos traçam um percurso epistemológico que lança indícios de uma correlação, sob reflexões e análises, em assincronia, em referência à razão e à crença, ao conhecimento científico e à fé, à ciência e à religião.

Com a raiz das bibliotecas delineadas, percorreremos o caule, cujo percurso intentará alcançar os ramos das bibliotecas contemporâneas, alastrando-se nas folhagens das bibliotecas físicas às bibliotecas digitais, frutificadas em midiatecas e multitecas.

6 Livro de João 1:1 (Bíblia Sagrada).

CONTEMPORANEIDADE: UMA COLETÂNEA

A palavra cultura pode assumir inúmeros axiomas, desde cultivo, civilização, modos de vida, refinamento, a formas de conflito. Mas, o que será pontuado aqui é sua relação com a contemporaneidade e as transformações ocasionadas diante dessa relação.

Assim, ater-se à noção de cultura é devido, para se analisar reconfigurações e reestruturações em inúmeros aspectos sociais contemporâneos. O ser humano é, de fato, um ser cultural. A própria natureza humana, *verbi gratia*, é interpretada por meio da cultura. E, de acordo com o antropólogo Tylor (1871, p. 1 apud CUCHE, 1999) em primeira definição, cientificamente, do termo:

> Cultural e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui

> o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (p. 35).

Dessarte, segundo o autor, a cultura é adquirida e sua dimensão é coletiva e evolutiva, contudo, apresenta, ao mesmo tempo, aspectos individuais. Para tanto, tal compreensão remete ao entendimento de que as mudanças culturais vêm essencialmente do exterior, por contato cultural e do interior, por formação subjetiva.

Assim sendo, tomando como mote que toda cultura é construída, desconstruída e reconstruída processualmente, corroborando com sua dimensão dinâmica, é possível percepcioná-la enquanto uma produção histórica, em relação direta com o social.

Porém, de modo interpretativo, ao se pensar em cultura contemporânea se remeterá à cultura digital, havendo uma tautologia, à medida que se compreende que a cultura contemporânea, ou cultura do século XXI, se apresenta envolta ao digital, em seu sentido ínsito. Para tanto, bascular o conceito de Humanidades Digitais faz-se pertinente por estar incrustado à definição de cultura digital.

O termo Humanidades Digitais (HD), que é pertencente à cultura contemporânea, tem sido usado diante de uma extensa polissemia. Há correntes epistemológicas que o designa como um campo de estudo, outras, como práticas.

Decerto, inteirar-se de seu conceito integrado torna-o mais aproximado no quesito de aprofundamento, não enquanto pesquisa pura, mas pelo estudo da aplicação

das tecnologias digitais nas Humanidades. E, de acordo com Presner (2010):

> Humanidades Digitais é um termo abrangente para uma ampla gama de práticas para criar, aplicar, interpretar, interrogar e *hackear* tecnologias de informação novas e antigas. Essas práticas – conservadoras, subversivas ou intermediárias – não se limitam aos departamentos e disciplinas de humanidades convencionais, mas afetam todos os campos humanísticos da universidade e transformam as maneiras pelas quais o conhecimento humanístico alcança e envolve comunidades fora da universidade. **Os projetos de Humanidades Digitais são, por definição, colaborativos, envolvendo humanistas, tecnólogos, bibliotecários, cientistas sociais, artistas, arquitetos, cientistas da informação e cientistas da computação na conceituação e solução de problemas, que muitas vezes tendem a ser de alto impacto social e de amplo alcance e duração.** Ao mesmo tempo, as Humanidades Digitais são uma consequência e expansão do escopo tradicional das Humanidades, não em substituição ou rejeição da investigação humanista. Acredito firmemente que o papel do humanista é mais crítico neste momento histórico do que nunca, pois o nosso legado cultural como espécie migra para os formatos digitais e a nossa relação com o conhecimento, material cultural, tecnológico e social é radicalmente reconceituado (p. 3) (tradução nossa, grifo nosso)[1].

1 Digital Humanities to be an umbrella term for a wide array of practices for creating, apply– ing, interpreting, interrogating, and hacking both new and old information technologies. These practices whether conservative, subversive, or somewhere in between are not limited to conventional humanities departments and disciplines, but aect every humanistic eld at the university and transform the ways in which humanistic knowledge reaches and engages with communities outside the university. Digital Humani– ties projects are, by denition, collaborative, engaging

Imbuído na cultura digital, Humanidades Digitais é um exercício interdisciplinar, amplificado em usos potencializados. A cultura digital está incorporada constantemente de novas relações, estabelecidas pelo reconhecimento do digital na cultura e na medida em que as mudanças sociais se instauram, um limiar perene se desestabiliza. A inquietude pululada pela instabilidade impele a cultura a remodelar-se diante de uma nova realidade sensível.

Há pouco mais de uma década, o conceito de Humanidades Digitais foi inserido internacionalmente, na confluência das Tecnologias Digitais com as Humanidades. Metaforicamente, a convergência de correntes elétricas e sanguíneas.

Se cultura digital representa a cultura contemporânea, de modo correlato, a expressão Humanidades Digitais deveria refletir as Humanidades na atualidade, na conformidade da concepção de digital homóloga à definição de contemporâneo, atual. No entanto, as HD são um esforço para a inserção das tecnologias no escopo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, justamente porque ainda não são caracterizadas desse modo.

Novas direções ao contexto tecnológico, com as Humanidades Digitais, viabilizam as relações, uma vez desencadeadas, para que se alastrem em formas múltiplas – aten-

humanists, technologists, librarians, social scientists, artists, architects, information scientists, and computer scientists in conceptualizing and solving problems, which often tend to be high-impact, socially-engaged, and of broad scope and duration. At the same time, Digital Humanities is an outgrowth and expansion of the traditional scope of the Humanities, not a replace– ment or rejection of humanistic inquiry. I firmly believe that the role of the humanist is more critical at this historic moment than ever before, as our cultural legacy as a species migrates to digital formats and our relation to knowledge, cultural material, technology, and society is radically re-conceptualized (PRESNER, 2010, p. 3).

tando-se para o fato de que as HD não se aplicam em Biológicas e Exatas, embora sejam cultura também. Não com a utilização somente dos aparatos tecnológicos – levando-se em consideração os campos de atuação das HD –, mas com sua utilidade vinculada a perspectivas de mudanças sociais, integradas ao conceito de cidadania, no caso, digital.

Afinal, as Humanidades Digitais possibilitam novos cenários à produção do conhecimento, desenhando e esculpindo contornos ao processo de aprendizagem contemporâneo. A tecnologia, enquanto instrumento, não é suficiente para garantir novas composições, que reverberam em novos comportamentos sociais. As mutações capazes de produzirem mudanças sociais concretas, com possibilidades significativas são modelizadas, sobretudo, com procedimentos reticulares, por meio da conectividade.

O que a distingue, hodiernamente, não é somente o uso de recursos tecnológicos, mas a contribuição do uso desses recursos em distintas áreas, associadamente a práticas de interações na vida das pessoas, explorando os modos de apropriação e alternativas disponibilizados. Desafios além do intelectual, pelo uso de uma gama de variedades de artefatos tecnológicos, com possibilidades de contribuições percebidas no cotidiano da vida humana, são oportunizados pela implantação das Humanidades Digitais.

De tudo que fora exposto, o termo Humanidades Digitais pode ser concebido como um liame com a alteridade capaz de compor novas práticas e suscitando novas formas de vivenciar experiências sociais. Práticas culturais, políti-

cas, estéticas, econômicas se alterariam com a (re)leitura e (re)composição de processos comunicativos, democráticos e interativos.

Enquanto fenômeno, a conectividade faz repensar em como as balizas entre espaços fechados e abertos estão sendo significadas, dessemelhantemente. A perspectiva que examina a inserção do digital na fronteiriça territorial, produz brechas, fendas e fissuras, em interpretação com demarcações deslizantes, atribuindo novas significações ao capital simbólico.

> A aceleração das inovações tecnológicas demarca uma fase notória da sociedade, caracterizada pela conectividade, interatividade, e mesmo pelas discrepâncias entre aqueles que têm acesso a tais tecnologias e aqueles que não têm. Entre teorias e práticas sociais com a tecnologia, este texto se constrói no afã de fazer ver o estalo, a faísca de luz que anuncia o tempo. Trata-se de uma perspectiva de ignição, fundamentada nos estudos de uma era pós-digital, pós-biológica, pós-humana (ROCHA, 2017, p. 60).

Nesse aspecto, Rocha (2017) salienta que, com a tecnologia inserida na sociedade, geram-se novas perspectivas de intervenção, alterando e criando possibilidades, reinventando novos processos, métodos, funções e abrangências.

Pensar a tecnologia ou a conectividade para resolver problemas sociais, comunitários ou mesmo individuais é uma perspectiva salutar e, incontestavelmente, inteligente, dado o lastro pragmático das ferramentas, capazes de processar, registrar e realizar uma quantidade sobre-humana de ações.

Há muito, a tecnologia é reconhecida como conhecimento e não equipamentos, aparelhos, ferramentas ou instrumentos tecnológicos, como pode parecer ao uso comum do termo. Essa consciência altera, e muito, como se aborda o tema da tecnologia e, principalmente, como pode ser utilizada para o lastro social.

HD é um esforço de pesquisa transdisciplinar, centrado na inserção da tecnologia nas áreas de conhecimento das Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas. Assim é que, a título de exemplo, pode-se apontar para alguns processos de inovação tecnológica: Mais expressivamente no século XXI, as máquinas – dispositivos tecnológicos – são projetadas como extensão do corpo e da capacidade humana, na realização de atividades que potencializam as ações. Tais fenômenos podem ser percebidos em experiências concretas e sensórias.

Como um conceito deslizante, Humanidades Digitais, fluidamente, resvala temáticas disciplinares – enquanto condição de atravessamento, em conhecimento sobre práticas e não somente sobre as práticas – e temáticas interdisciplinares profusas e difusas. O contexto digital, defluindo (com)posições e (re)(com)posições nas Humanidades, influi um envolvimento mais profundo na cultura digital, com novas possibilidades de produção de conhecimento.

A base da cultura digital é o ambiente digital. A conectividade é a base da sociedade contemporânea. Portanto, essa cultura, em mutação por seu dinamismo contínuo, se relança de modo coalescente à conectividade, como base

de sustentação da cultura contemporânea para que os fluxos se estabeleçam.

O ser social está incumbido da percepção e humanidade das tensões teóricas e práticas que faz avançar, retroceder e, principalmente, enxergar tais movimentos, para inferir e interferir nesse processo simbiótico. O fenômeno, a base crítica e as inovações tecnológicas, em visões e versões, revelam a sociedade contemporânea, envolta em um novo capítulo, que absorve e sonda a comunidade social em configurações absolutamente novas.

EMERGÊNCIAS E INCUNÁBULOS DIGITAIS

Não há como passar incólume pelo conceito da cultura digital, no contexto que se discute aqui, no universo das bibliotecas digitais, midiatecas e multitecas. Como numa escala crescente, há um desprendimento da materialidade para a projeção do devir, do vir a ser, a partir da biblio/teca física em uma nova (com)posição, com a alteração de sua forma e visualidade.

Como apresentado, a palavra cultura pode assumir inúmeros significados, em se tratando de cultura digital, sua vinculação semântica a enlaça com a tecnologia, notadamente diante da existência de conflitos nas bases valorativas socioideológicas.

Nesse enquadramento, cumpre buscar respostas para o papel que cabe aos veículos disponíveis no século XXI

para tornar manifesto o convívio entre as gerações e as alternativas para uma sociedade que envelhece. De igual modo, pergunta-se o que a cultura oferece para mostrar a questão do homem diante do tempo.

A tecnologia, imersa na cultura contemporânea, é de tal ordem relevante, que seria bem complicado sustentar a cultura na ausência dela. De atividades mais simples às mais complexas, a vida é quase que completamente envolvida e resolvida, direta ou indiretamente, pelos modernos sistemas computacionais, em que o digital, no *modus operandi* da sociedade, tem se tornado elementar na reestruturação dos modos de relações, desde as interpessoais, ao acesso à informação e à aquisição do conhecimento.

Notoriamente, os modelos de assimilação, circulação e consumo de conteúdos de leitura e pesquisa têm na tecnologia seu sustentáculo na contemporaneidade. Analogicamente, esses modelos se reverberam no ambiente das bibliotecas. Para tanto, além da ênfase em equipamentos, dispositivos, ferramentas, instrumentos e aparatos tecnológicos, aponta-se para a importância de resvalar o conceito de cultura digital, enquanto práticas sociais, como um processo complexo que se estabelece nas tramas de relações sociais que se configuram no cotidiano.

A cultura digital tem provocado significativas mudanças, inclusive, nas concepções de espaço e tempo e nas conexões sociais, provendo, precipuamente, transformações nas relações desses sujeitos contemporâneos com novas experiências de leitura.

De acordo com Martins (2018), tais práticas "demandam novos suportes tecnológicos interacionais que permitem a manipulação de documentos, de objetos multimídia, de transformações informacionais e de manipulação de fluxos comunicacionais altamente flexíveis" (p. 16). Porém, reitera-se que tais suportes por si sós não transformam as experiências de leitura.

Uma leitura como diálogo com espaços de leitura contemporâneos revela o compartir na luta contra todas as trancas e embaraços da simples guarda. O sentido dessa leitura está em se guiar na contraposição do tempo cronológico, que, em ostracismo, descontextualiza, esquadrinha, limita e fragiliza o conhecimento, possibilitando a cada pessoa viver o seu tempo favorável para se libertar e ser liberto, feito de imanência e transcendência, situando-se no mundo.

A leitura em espaços de conectividade desvela uma palavra que é livre e inalienável, palavra em fluxo e interação. Destarte, tem-se uma leitura que não se estabelece na materialidade livresca, mas como uma nova prática, concedendo a possibilidade de construir sentido(s) em outras perspectivas de leitura.

> Por um lado, é impossível para um ator, mesmo que muito poderoso, dominar ou mesmo conhecer o conjunto dos fatores que contribuem para a emergência da tecnocultura contemporânea, até mesmo porque há novas ideias, novas práticas e novas técnicas que não param de surgir nos lugares menos esperados. Por outro lado, o devir da cibercultura simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo,

> diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito (LÉVY, 1999, p. 206).

Lévy (1999) esclarece que as novas práticas e técnicas da cibercultura, na atualidade, vislumbradas nesse escrito a partir dos espaços de conectividade de leitura, enquanto modo de comportamento social, redimensionam o tempo e o espaço com suas marcas e características próprias.

Enquanto suporte essencial do texto, o livro material manteve-se, por muito tempo, sendo um dos mais importantes objetos da experiência da leitura. Na contemporaneidade, a singularidade abre espaço para o espaço público, não diante da ruptura com a pragmática da leitura por meio do livro físico. No entanto, as implicações sociais pelo devir tecnológico, via mídias, moldam-se a partir de uma lógica da própria leitura digital interativa em si.

A hegemonia do livro material, arraigada no seio da cultura de leitura convencional, lança novos olhares e desafios, revirando as arcas e baús das zonas de conforto, despertando novas perspectivas e novas práticas de leitura, sem desatar os laços e entrelaçamentos das práticas de outrora.

Nesse cenário, não há relações de conflito entre o livro material e o livro digital. Os livros físicos continuam sendo comercializados mesmo com a inserção dos livros digitais no mercado. Não se trata de uma visão apocalíptica, mas uma óptica de integração e coexistência. Um ponto importante a salientar é que corrobora com experiência estética não ser apenas afetiva, mas também cognitiva e sua inten-

sidade se estabelecer à proporção que as dimensões afetivas e cognitivas se entremeiam.

A tecnologia tem possibilitado várias técnicas que interferem a produção criativa. De acordo com Belting (2006), quando ele considera a imagem como experiência, se apropria de um panorama em que as linguagens se cruzam e convergem tecnologicamente, tanto na produção quanto em uma recepção cada vez mais marcada por uma simultaneidade de sensações.

Para Belting (2006), a linguagem serve como um meio para transmitir imagens, sendo que as palavras estimulam nossa imaginação, enquanto a imaginação, por sua vez, transforma as palavras nas imagens que elas significam. Mais uma vez aqui, imagens e narrativas aproximam o campo da comunicação e das experiências estéticas.

Conforme o autor, o corpo, no caso o cérebro, é necessário para preencher as imagens com experiências pessoais e significado. O estudo resulta da ideia que a experiência é uma atividade e ocorre sempre num espaço de relações, de compartilhamento, em possibilidades de diálogos. Tais assertivas estão atreladas à experiência que se faz imagem a ser lida, compartilhada, na dimensão dos fenômenos do ato de ler que vai desde a vida ordinária à experiência estética.

A linguagem, legitimamente multissensorial, é inclinada em suas construções e sentidos. Os partícipes, diante de seus contextos, exercitam suas conexões e (im)precisões interpretativas. Tais processos comunicacionais se constituem em redes semânticas, dissolúveis e recombináveis.

De modo similar, as mídias têm experimentado condições deveras distintas, emergindo de contextos tensionados pela cultura, que converge no devir midiático. Segundo Santaella (2003):

> Para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (p. 2).

Tais condições, compreendidas como novas significações, decorrem das mudanças científico-tecnológicas, como fontes diversas dos processos comunicacionais e uma prática fundamentada no fluxo e na conexão.

Há um envolvimento mais profundo com a cultura digital, especialmente no século XXI, quando interesses de distintas esferas sociais influenciam cada vez mais este meio. A exemplo, o formato acadêmico de disseminar

conhecimento ainda mais usualmente legitimado é a impressão dos livros, com paginações lineares. Contudo, com o advento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs, surgem distintas potencialidades e desafios tanto para gestar, quanto para organizar, armazenar e recuperar informações.

O reconhecimento de como essas narrativas se estabelecem diante de suas constituições indicia caminhos novos ao acesso à leitura e à produção do conhecimento, propiciando vestes contemporâneas ao acesso ao conhecimento.

O destaque, nos últimos tempos, tem sido para a tecnologia, que consegue singularizar a experiência, tornando-a experiência fundante. Os modos de apresentação de enunciados, via aparatos tecnológicos, que por si já são sedutores, amplificam o potencial de experiência, imanente dos acervos em bibliotecas online, midiatecas e multitecas, em nítidos diálogos com o contexto contemporâneo, caracterizado pela conectividade tecnológica, o que permite singularizar o acesso.

Essa experiência é vetor cada vez mais manifesto, mesmo nas grandes bibliotecas reconhecidas mundialmente, que discretamente ou não, incorporam as tecnologias de nosso tempo, em consonâncias com as marcas contemporâneas. O que se percebe é que a inserção da prática da conectividade, com experiências de acesso singular, redimensiona não apenas as funções e seu fazer, mas principalmente o *modus operandi* que conduz os espaços de leitura do século XXI, enquanto institui-

ção, na revisão de sua própria delimitação e demarcação espaço-temporal.

Nesse cenário, a leitura acontece nas relações mediadas pelos aparatos tecnológicos que possibilitam maior interação por meio de uma linguagem fluida. Desse modo, essa leitura representa uma partilha de saberes, por meio da cultura do acesso e compartilhamento, sem a ênfase restrita na posse e guarda.

A leitura que vê a sua culminância na dinamicidade, no movimento – que constitui uma interioridade aberta ao contato dialógico com a exterioridade, por meio de uma vivência que pode ser a possibilidade de instauração de toda originalidade, singularidade, excentricidade e inquietude – que transcende o comum, o previsível e esperado. Tal experiência ultrapassa a percepção espaço-temporal e a concepção de visível e invisível, expandindo nossos próprios limites enquanto leitores.

> Quando falamos em Cultura Digital, estamos nos referindo a um conjunto de práticas sociais e culturais (campo) que atravessam o mundo digital e as tecnologias de informação e comunicação. Não estamos falando apenas do universo das redes sociais e do uso de tecnologias a serviço das comunicações, mas estamos falando de uma perspectiva de direitos, de produção, de conexão, de acesso, de criação e relações sociais (WILSON, 2018, p. 74-75, tradução nossa)[1]

1 Cuando hablamos de Cultura Digital, estamos haciendo alusión a um conjunto de prácticas sociales y culturales (campo) que cruzan el mundo digital y de las tecnologías de la información y la comunicación. No estamos hablando sólo del universo de las redes sociales y del uso de las tecnologías al servicio de las comunicaciones, sino que hablamos de una perspectiva de derechos, de producción, de conexión, de acceso, de creación y relaciones sociales (WILSON, 2018, p. 74-75).

Quando Wilson (2018) refere-se à cultura digital que transcende o uso de tecnologias informacionais ou redes sociais, o autor estabelece um entendimento de novas e intrínsecas significações envoltas na vida social. Assim, faz-se necessário libertarmo-nos do pensamento arraigado de que cultura digital se limita à inserção do uso de tecnologias digitais.

> Dentre os muitos campos impactados pelas práticas do universo da cultura digital, talvez nenhum outro tenha sido ressignificado de maneira tão abrangente como o campo da memória, pública e privada. Tais práticas impulsionam públicos dinâmicos e imprevisíveis, que tem nos últimos anos constantemente redefinido e ampliado o conceito de memória cultural. O formato de memória com o qual a sociedade se acostumou no último século, baseada na lógica dos arquivos impressos, é profundamente alterado pela ascendência da mídia digital (CARVALHO JÚNIOR, 2018, p. 38).

Carvalho Júnior (2018) suscita as mudanças de arquivamento com a inserção da cultura digital na sociedade, o que interfere, inquestionavelmente, no conceito de memória cultural, sendo este ressignificado e potencializado. As bibliotecas são instituições, em menor intensidade que os museus, que também se constituem por memórias culturais, a partir de seu acervo clássico. E, as mídias digitais alteraram o arquivamento, não apenas fisicamente, mas essencialmente conceitual.

Seguindo o raciocínio, Saldarriaga (2018) discorre a respeito de algo pontual na cultura digital. Para ela, a cultura

digital se manifesta a partir da aprendizagem e das relações sociais:

> Hoje entendemos que a relação entre digital e cultura não é determinada pela tecnologia, pelo contrário, promovemos o princípio de que valiosos são os conteúdos e as interações que eles geram e não os dispositivos ou tecnologias em que são consultados ou produzidos. Isso exigiu uma revisão constante, pois os fenômenos resultantes dessa simbiose Comunicação + TIC + Cultura são dinâmicos e permeáveis a partir das relações sociais, participação afetiva e tendências de mercado. São também da aprendizagem que é gerada a partir do desenvolvimento de projetos com comunidades e, muito importante, das conclusões e acordos que são compartilhados com os setores acadêmicos envolvidos para a avaliação de iniciativas institucionais (SALDARRIAGA, 2018, p. 65, tradução nossa)[2].

Desse modo, tanto Saldarriaga (2018) quanto Wilson (2018) e Santaella (2003) coadunam com a perspectiva de que a cultura digital sobrepuja a inserção tecnológica simplesmente, sendo processo, mudanças de comportamento, com efeitos gradativos, em consonância com as transformações sociais. Não há como se esquivar da

2 Hoy entendemos que la relación entre lo digital y la cultura no está determinada por la tecnología, por el contrario, promovemos el principio de que lo que tiene valor son los contenidos y las interaciones que ellos generan y no los dispositivos o tecnologías en que se consultan o producen. Esto ha requerido de una constante revisión, pues los fenómenos que resultan de esa simbiosis Comunicación + TIC + Cultura son dinâmicos y permeables desde las relaciones sociales, la participación cuidadana y las tendências del mercado. También lo son desde los aprendizajes que se gestan del desarrollo mismo de los proyectos con las comunidades y, muy importante, desde las conclusiones y los acuerdos que se comparten con los sectores académicos involucrados para la evaluación de las iniciativas institucionales (SALDARRIAGA, 2018, p. 65).

cultura digital estando em pleno século XXI. Há pontes, caminhos, diálogos e a compreensão de que a cultura digital está contida na cultura contemporânea, sob a óptica comportamental.

DE ESTANTES A INSTANTES

FÁBULA DE UM ARQUITETO

A arquitetura como construir portas,
de abrir; ou como construir o aberto;
construir, não como ilhar e prender,
nem construir como fechar secretos;
construir portas abertas, em portas;
casas exclusivamente portas e tecto.
O arquiteto: o que abre para o homem
(tudo se sanearia desde casas abertas)
portas por-onde, jamais portas-contra;
por onde, livres: ar luz razão certa.

Até que, tantos livres o amedrontando,
renegou dar a viver no claro e aberto.
Onde vãos de abrir, ele foi amurando
opacos de fechar; onde vidro, concreto;
até fechar o homem: na capela útero,
com confortos de matriz, outra vez feto.

(João Cabral de Melo Neto)

A literatura é sublime e, a partir dela, presenciam-se simulacros do real. O poema *Fábula de um arquiteto*, de João Cabral de Melo Neto, discorre, exatamente, sobre possibilidades de liberdades de espaços. Espaços independentes de toda natureza, em que o arquiteto, metaforicamente, torna-se responsável por uma construção de uma arquitetura desprendida. Diante do texto, o sentido oposto, sem liberdades e aberturas, levaria a humanidade ao regresso.

Em correlação à temática da pesquisa, avançando na direção dessa metáfora, o espaço físico, perde seu local exclusivo à produção e organização do conhecimento para outros espaços, não se limitando aos convencionais, diante de múltiplas possibilidades na contemporaneidade.

Historicamente, de Alexandria e Pérgamo aos dias atuais, as bibliotecas apresentam-se como lugares de confrontos e tensões. Espaços onde se instalam as histórias e conhecimentos de uma época, ressoam consonâncias e dissonâncias, com suas tradições e contradições.

> A história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos de saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções (JACOB, 2000, p. 11).

Nas últimas décadas do século XX e mais, acentuadamente, no início do século XXI, mudanças em todos os âmbitos sociais e transformações nas instituições bibliotecas são instauradas. Como constructo cultural, a biblioteca reconstrói-se em suas variantes, mesclando-se ao tecido social e, por conseguinte, às reconfigurações das civilizações.

A inserção tecnológica propicia essas novas concepções e novos paradigmas – ocasionando continuidade evolutiva ou, até, ruptura de práticas pré-estabelecidas – associados aos anseios e necessidades de adequação às tendências sociais.

No entanto, o contexto contemporâneo – por vezes, terreno hostil e inóspito para acolhimento de novas formatações, mediante o desconhecimento, falta de preparo das instituições e políticas públicas voltadas para seu desenvolvimento em setores públicos; outras vezes terreno fértil, diante da presença de inúmeras grandes empresas mundiais estarem vinculadas às novas formatações em setores privados, como a Google e Apple, por exemplo – se estabelece em tensões contraditórias.

Enquanto espaços privilegiados de leitura, as bibliotecas físicas e tradicionais – com coleções, coletâneas, acervos, antologias, seleções, compilações, copilações, mananciais, repertórios, repositórios e inúmeros outros patrimônios materiais – possibilitam íntimos desejos, imagens, viagens, histórias, aventuras, desventuras, refúgios e conhecimentos, proporcionados pelos sentidos das palavras que oferecem experiências de fabular e confabular.

Entretanto, as diretrizes e funções da biblioteca têm sido traçadas no decorrer do tempo e espaço, sempre refletindo as necessidades das civilizações, adquirindo sentidos a partir da urdidura de inúmeras variáveis.

Em sentido contemporâneo, o *locus* de leitura não se refere simplesmente à materialidade livresca, mas a toda compilação de registros de dados em inúmeros e diversificados suportes, sejam físicos, eletrônicos ou digitais, ampliando a noção de posse e guarda para acesso e compartilhamento, em arenas permeadas de infinitudes, tanto acervos quanto serviços.

Tais reconfigurações tornam-se arado para uma expressão que abriga novas experiências desses espaços de leitura, considerados também espaços culturais. Como uma primeira ampliação às formatações, a biblioteca digital está dimensionada para ser gerida de um ponto específico, seu ponto de existência (*point of begin*) física, podendo ser replicada indefinidamente em todo e qualquer lugar, sem a necessidade de aquisição de novos conteúdos, visto estarem já disponibilizados de modo digital. Dilatam-se as características de posse e guarda, para acesso e compartilhamento, visto que o fato de ser digital não elimina a aquisição.

> O ponto de existência pode ser entendido como o núcleo geral de um sentido de ser, um lugar de síntese de tempo e espaço, de mente e corpo, de sentimento e consciência que transcende modelos de realidade regidos por um regime visual. Implica um estado expandido de percepção e consciência. Ele exige que todo o corpo entre em ação. Sinto imediatamente essa corres-

> pondência na vida cotidiana, como me vejo como um todo que me inclui (instantaneamente) (KERCKHOVE, 2014 apud KERCKHOVE; ALMEIDA, 2015, p. 12-13, tradução nossa)[1].

O ponto de existência, segundo o autor, é um campo de sensação sem limite, em estado de expansão de percepção e consciência, vivenciado por qualquer um que experiencie a transcendência de modelos de novas visualidades, em relação a tempo e espaço. Tomando como mote a pesquisa, uma biblioteca digital tem a possibilidade de oferecer seu acervo digitalmente para todos, indistintamente, integrando os vários conteúdos já disponíveis e trabalhando pela disponibilização de novos títulos, em todo o tempo e em quaisquer lugares.

De acordo com Dwight Conquergood, etnógrafo canadense:

> A fim de acompanhar o ritmo desse mundo, pensamos agora em "lugar" como um cruzamento de forte tráfego, um porto de escala e intercâmbio, em vez de um território circunscrito. Um limite é mais parecido com uma membrana do que com uma parede. Na teoria cultural atual, a "localização" é imaginada como um itinerário em vez de um ponto fixo. Nossa compreensão do "contexto local" se expande para abranger os movimentos históricos, dinâmicos e frequentemente traumáticos de pessoas, ideias, imagens, mercadorias e capi-

1 The point of being could be understood as the general core of a sense of being, a place of synthesis of time and space, of mind and body, of feeling and consciousness that transcends models of reality ruled by a visual regimen. It implies an expanded state of perception and consciousness. It calls for the whole body to come into play. I feel immediately this correspondence in everyday life, as I perceive myself as a whole that includes me (instant present) (KERCKHOVE, 2014 apud KERCKHOVE; ALMEIDA, 2015, p. 12-13).

> tal. Já não é fácil separar o local do global: as circulações transnacionais de imagens são retrabalhadas no terreno e redistribuídas para lutas locais e táticas. E os fluxos globais são simultaneamente sobrecarregados e energizados por essas reformas locais. Agora estamos cientes de que o "local" é uma construção contingente e fugaz, e que as forças globais são absorvidas, lutadas e refratadas para fins específicos do local (2002, p. 145, tradução nossa, grifo do autor).[2]

Quando o autor acima cita a metáfora da membrana em detrimento à parede, ele coaduna com o pensamento de fluxo *continuum* e arraigado do lugar na pessoa, compreendido como experiência obtida, o que corrobora com Rocha (2018a) pelo entendimento de que não se tira o lugar de alguém, exatamente por ser fruto de experiências sociais, determinantes em pensamentos e ações.

> O campo da cultura se firma na coletividade, como traços de compartilhamento social. A cultura é indelevelmente gravada nas pessoas exatamente pelo compartilhamento e pela experiência, e de tal modo o é que damos razão ao dito popular de que podemos tirar uma pessoa de um lugar, mas será muito mais difícil tirar esse lugar da pessoa, entendido como expe-

2 In order to keep pace with such a world, we now think of "place" as a heavily trafficked intersection, a port of call and exchange, instead of a circumscribed territory. A boundary is more like a membrane than a wall. In current cultural theory, "location" is imagined as an itinerary instead of a fixed point. Our understanding of "local context" expands to encompass the historical, dynamic, often traumatic, movements of people, ideas, images, commodities, and capital. It is no longer easy to sort out the local from the global: transnational circulations of images get reworked on the ground and redeployed for local, tactical struggles. And global flows simultaneously are encumbered and energized by these local makeovers. We now are keenly aware that the "local" is a leaky, contingent construction, and that global forces are taken up, struggled over, and refracted for site-specific purposes. (CONQUERGOOD, 2002, p. 145).

> riência tida. De igual modo, podemos definir que uma pessoa não nasce em uma cultura, mas a cultura nasce em uma pessoa, exatamente por conceber que a cultura é fruto das experiências sociais, que constitui, no sujeito, gostos, valores, modos de ser, pensar e agir. É nesse lastro que se torna possível contextualizar pessoas, inferindo sobre seus costumes, seus valores e modos de pensar e agir (ROCHA, 2018a, p. 28-29).

Conquergood (2002) estabelece um movimento dinâmico, diante da expansão de territórios, em concordância, novamente, com Rocha (2018a) no aspecto do compartilhamento. O fluxo oportunizado por reestruturações das tecas de leitura ao invés da utilização de materiais físicos de linguagem primam pelos acessos e compartilhamentos, enquanto novas e distintas experiências humanas, na metáfora do itinerário em oposição ao espaço fixo, citado por aquele.

E ainda se tratando de campo de extensão, o conceito H (Ambiente de Gestão de Aprendizagem – AGA) resvala o conceito de não se fixar em um ponto específico, havendo possibilidade de convergência na rede.

> O Ambiente de Gestão da Aprendizagem (H) é um espaço reduzido onde cabem discussões e bate -papo e vários endereços ou formas de acesso, fora do módulo H. Uma pequena sala de orientação. Todo o material de apoio estará distribuído na Internet, e em construção. O controle não se dá pelo acesso ou pela permanência em um ponto específico, falsa medida de aferição que escamoteia o objetivo da atividade. Retomamos o princípio da avaliação, deixando de lado a relação análoga de aferição de presença, na

> modalidade presencial, a partir de acessos ou frequência. Assumimos a educação a distância como ela é. O que nos apontam os resultados são os relatos, descobertas, conquistas, enfim, o aprendizado (ROCHA, 2018b, p. 4).

Para o autor, o conceito H aplica-se como alternativa mais eficaz em relação ao conceito AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), diante de maior autonomia, por meio de uma prática contemporânea de comunicação, na compreensão de que sala de aula é designada como um conceito e não um mero espaço.

No caso da biblioteca, não há designação de mudança do termo pela sua reconfiguração, atribuída a novas possibilidades que não se encerram na materialidade do livro, em função de sua caracterização de materiais de leitura, não importando seus formatos.

> Será preciso buscar em outro lugar a razão que o entrecruza e os tece um no outro. É como se o arquivo fosse atravessado por uma grande falha, que põe, de um lado, a forma do visível, de outro, a forma do enunciável, ambas irredutíveis. E é fora das formas, numa outra dimensão, que passa o fio que as costura uma à outra e ocupa o entre-dois (DELEUZE, 2004, p. 121).

Pontualmente, conforme Deleuze (2004) sustenta nos arquivos, fora das formas – na coesão dos formatos ora visíveis, ora enunciáveis, em um entrecruzamento conceitual –, equivalentemente, os espaços físicos e digitais das bibliotecas também se preservam.

Os entremeios perpassam as bibliotecas convencionais a partir das bibliotecas digitais, ainda que diante de um ilusório e precipitado cenário apocalíptico, as tradicionais se mantêm, mesmo não atuando de forma integrada às bibliotecas de formato digital. No entanto, atualmente, mais acentuadamente, não se constituem como espaço privilegiado de fontes de informação, pesquisa, conhecimento e, até mesmo, entretenimento, mas entrelaçado ao modelo hodierno.

Tomando como empréstimo a discussão de museus em rede em detrimento aos museus presenciais, Rodrigues (2017) salienta que:

> O funcionamento em rede, nesse formato, é caracterizado mediante a operação de conteúdos sobre a infraestrutura da conectividade usuário/sistema, objetivo crucial da interface. Afinal, este espaço de hipermobilidade indica as intersecções do espaço digital e físico nesta revolução digital, também denominada de tecnologias de conexão contínua, especialmente nos contextos culturais e educacionais (p. 48).

De igual modo, essas bibliotecas vieram para promover uma evolução no acesso às fontes de informações. E nesse entretecer, os livros físicos também se apresentam com novas formatações, vivendo aos brotos de transformações que respondem antes às demandas do contexto social. Nesse processo, a versão digital do livro vem se alterando com a digitalização, modificando o contexto de cultura de leitura.

O fenômeno digital, as novas ferramentas e os códigos das imagens – como são organizados digitalmente os textos do livro – desvelam o que provavelmente a imagem de capa já o faz: há uma captura diante do envolvimento com a imagem, que sorve e absorve o leitor em configurações absolutamente novas.

No contexto do livro impresso, a evolução de organização informacional, específica de arquivos computacionais, permite ao leitor intervir infinitamente mais do que outrora, não desmistificando totalmente a definição de posse e guarda, visto que os livros digitais também são adquiridos por meio de compras. O que ocorre é a concessão de direito ao acesso, diferentemente da posse. A partir do salvamento, tem-se a guarda do conteúdo disponibilizado, porém se tudo é disponível, perde-se a função de baixar e guardar, pois conteúdos encontram-se em todo o lugar em qualquer tempo e hora na rede.

Muito embora a ideia de pertencimento permaneça mesmo diante da (i)materialidade do acervo como algo (con)sagrado, agregam-se aos arquivos digitais os conceitos de acesso e compartilhamento.

Em decorrência disso, as bibliotecas digitais, em que os elementos físicos restritos *in loco* são eximidos, apresentam a existência desses elementos disponíveis, cujo acesso e, mesmo, compartilhamento tornam-se condição *sine qua non* para sua constituição, remoldando parte de seu conceito e formato *a priori* estabelecido. Todavia, compreende-se que não é a caracterização de material ou

imaterial que estabelece uma mudança de conceito, mas, muito mais, uma questão cultural.

> A leitura e o leitor descobrem novas formas de se construir, fazendo ver que livro, pedra, argila ou pixel são formas de apresentar o pensamento, não de moldar suas formas de existir. A escrita, ao longo de pouco mais de cinco mil anos, experimentou várias condições materiais de apresentação, mas o pensamento é que desafia o tempo, inscrevendo-se na cultura, nos vários estágios, métodos, materiais e tecnologias que ela experimenta (ROCHA, 2019a, p. 82).

Nesse olhar, o leitor contemporâneo perpassa por novos ritmos e sensações evanescentes e fugazes, diante de novas configurações de leitura, dessacralizando o objeto livro materializado. Pois, a fluidez computacional tem se aproximado, de modo inelutável, ao mundo natural, estando o digital contido nele.

E adubar a visualidade que sustenta a representação da materialidade livresca em e-books tem sido a tônica de inúmeros sistemas computacionais, ancorados na lógica metafórica de buscar objetificar a experiência de leitura digital, mediante interações que representam o livro impresso. Contudo, a relação visual representativa do livro digital com seu correlato físico não torna a experiência um objeto em si.

Na antiguidade, a biblioteca, sempre com a conotação de guarda e depósito de materiais escritos, complexifica-se na atualidade, em tecas diversas. Partindo, da germinação das biblio/tecas físicas e digitais, florescem

as midiatecas e as multitecas, configuradas como os novos conceitos de espaços de leitura e conhecimento do século XXI, com novas estruturas físicas e funcionais. Dessarte, o acesso ao conhecimento e à informação no espaço sistêmico e na rede atingem o espaço do entremear, justamente, pelas possibilidades de integração de novas formatações.

As midiatecas são espaços midiáticos de acesso à leitura e ao conhecimento, com coleções de itens de mídia, embora haja, na maior parte das vezes, um erro semântico ao nominar o dispositivo e não o conteúdo. Uma midiateca, em sentido lato, é uma coleção de mídias[3] com conteúdos, e não uma coleção de conteúdos de várias mídias. As midiatecas, por assim dizer, também unidade de informação e centro de documentação como as bibliotecas, distinguem-se dessas pela disponibilização do acesso ao conhecimento por meio de diferentes suportes e tecnologias da informação.

> Midiateca é um termo que vem sendo utilizado para evidenciar um novo tipo de biblioteca e é utilizado principalmente nos Estados Unidos, França, Portugal e na República de Angola, essa denominação vem marcar o caráter inovador da biblioteca, devido à inserção de novos suportes informacionais, tais como: DVDs, vídeos, discos ópticos, dentre outros (MARINHO; PEREIRA Lilia; PEREIRA Liliane, 2013, p. 2).

3 TV, rádio, jornal, revista, blogs, vlogs, redes sociais e outros.

Diante da inserção de novos suportes informacionais, seu conceito foi redimensionado, sendo que novas funções foram incorporadas ao espaço. Com a concepção de meio, surgiu o termo midiateca, o meio que não se restringe a texto, mas expande para a acumulação de diversas mídias em um só espaço.

De acordo com Marinho, Pereira, Pereira (2013), na midiateca, o texto se irradia a partir da "fala, música, desenhos, fotos, cinema, vídeo e outros materiais como a base eletrônica digital do computador" (p. 4). E o portal da Rede de Mediatecas[4] de Angola, reitera e complementa o conceito a "um centro que abriga, organiza, classifica e disponibiliza aos meios de visualização e consulta".

É necessário se ater que não há uma tensão dos espaços biblioteca e midiateca, apenas uma necessidade de adaptação, diante das demandas socioculturais, na concepção e organização de diferentes espaços dentro da biblioteca, porém ambas apresentando as mesmas funções de preservar e democratizar a informação e o conhecimento. As poucas midiatecas existentes não surgiram por si sós, mas a partir de bibliotecas já existentes, perante a reconhecida e inevitável necessidade de adaptação à inserção tecnológica na sociedade.

Na era digital, caracterizada pelo acesso e pelo compartilhamento, os termos não resistem à amplitude dos conteúdos já disponíveis, no que se define como multiteca, um espaço destinado ao acesso e comparti-

4 Mediateca (termo internacional); Midiateca (termo aportuguesado).

lhamento de multiconteúdos, digitalmente. Pois, segundo Rocha (2019b, p. 132):

> A passagem de uma cultura de posse e guarda para uma cultura de acesso e compartilhamento é fato, embora também seja fato que mudanças culturais não ocorram em breve espaço de tempo. A perspectiva de mudança já era notada na caracterização das gerações Baby Boomers, X, Y e Z, em serviços como Uber e AirBnb, em comportamentos socioculturais com o uso de tecnologias baseadas em mídias sociais e na produção de conhecimento, com uma tendência para publicações científicas em plataformas gratuitas, chamadas *open access*.

O que representa uma abrangência ao termo midiateca, com o prefixo multi, na indicação de ultrapassar os conteúdos midiáticos, com a presença da conectividade, não obrigatória nas midiatecas, agregando multi possibilidades de experiência de acesso e compartilhamento, por assim dizer.

Assim, o conceito multiteca se espraia em todas as tecas, desde coleção de livros (bibliotecas), de conteúdos midiáticos (midiatecas), de periódicos (hemerotecas), de filmes (filmotecas ou cinematecas), de documentos sonoros (fonotecas), de discos (discotecas), de quadros de pintura (pinacotecas), de vídeos (videotecas), de gibis (gibitecas), de mapas (mapotecas), de brinquedos (ludotecas ou brinquedotecas), de materiais e documentos relacionados à música (melotecas), dentre tantas outras tecas.

Tais tecas dispostas para acesso público ou não, tiveram suas palavras formadas pelos radicais identificadores

dos objetos, adicionados à desinência teca, com o significado de caixa ou coleção.

Do mesmo modo que correlativamente, há o letramento, enquanto habilidade adquirida, para a prática de leitura de livros físicos em bibliotecas tradicionais, também há o letramento digital para midiatecas e o multiletramento para as multitecas.

Uma multiteca prima por uma característica de centro de documentação digital para acesso a livros, revistas, imagens, filmes, sons e quaisquer outros conteúdos suportados digitalmente, podendo ter sua existência física e digital. No espaço físico, há dispositivos para acesso ao conteúdo e, no digital, a disponibilização dele (ROCHA, 2019b). Desse modo, busca-se uma otimização centrada na premissa de acesso e compartilhamento de conteúdos, sem a perspectiva restritiva *in loco* de estantes e prédios. Na modalidade de multiteca, os conteúdos podem ser acessados, reproduzidos, compartilhados e indicados, tendo uma potência de reprodutibilidade que uma biblioteca tradicional não viabiliza.

A proposta neste estudo é, também, bascular os espaços das multitecas – tão incipientes e escassos de configurações formalizadas, devido, justamente, ao recente surgimento em caráter inovativo –, discutindo tendências e desafios mais significativos com o acesso às tecnologias emergentes, remodelando as formatações dos espaços de leitura do século XXI.

Uma multiteca, como centro cultural público e aberto à comunidade, pode também oferecer cursos, oficinas, palestras, além de apresentações musicais, dança, teatro, expo-

sições, saraus e uma infinidade de outras opções, com a disponibilização em inúmeros outros pontos de acesso, de acordo com seu desenho configurativo.

Considerando o potencial inventivo e a expressão singular, a multiteca parte de uma orientação de diálogo com todas as possibilidades de acesso ao conhecimento, com um viés inovador, estimulando o aprendizado, como projeto que visa o desenvolvimento de habilidades significativas, sempre com o insigne interativo.

O espaço da multiteca se adensa na propositura de proporcionar experiências para além de simples espaços de leitura tradicional ou midiático, com novos olhares para a inserção tecnológica, não se tornando apenas esse quesito o aspecto inovador do espaço, agregando as possibilidades infindas das múltiplas tecas e, principalmente, da potencial conectividade com o acesso à internet, um diferencial dos demais espaços de leitura aqui mencionados.

O protagonismo é basilar na proposta da multiteca, entremeado com o conceito de tecnologias assistivas. De acordo com Sonza *et al* (2018):

> A Tecnologia Assistiva (TA) é vista como o resultado da aplicação de avanços tecnológicos em áreas já estabelecidas. É uma disciplina de domínio de profissionais de várias áreas do conhecimento, que interagem para restaurar a função humana. Os recursos de Tecnologias Assistivas podem variar de uma simples bengala a um complexo sistema computadorizado (p. 28).

Desse modo, serviços, dispositivos e estratégias que visem propiciar maior autonomia e independência tornam-

se partes da composição da multiteca. Como exemplos, há desde equipamentos tecnológicos a softwares especiais de acessibilidade.

Tais ações voltadas para a inclusão e acessibilidade, tanto na estrutura física com a arquitetura do local a softwares e equipamentos especializados, priorizam capacitações em ações comportamentais por toda a equipe gestora e de atendimento, incluindo bibliotecários especializados por áreas e consultoria, pois requer prévio conhecimento e planejamento em sua execução.

A pretensão é que tais espaços sejam dimensionados para acomodação confortável do público, com segurança para os equipamentos e a jovialidade temática na definição de cores e mobiliário, primando por um designer inovador. Outrossim, a multiteca pode ser acessada pela internet, de qualquer lugar e com quaisquer dispositivos, atingindo a população em geral, e não apenas seu *locus* pertencente. Essa parte estrutural é vital para sua existência e permanência.

Ademais, muito mais que um espaço caracterizado como inovador de leitura, práticas inovativas são necessárias para se conceber uma multiteca em uma proposta de espaço contemporâneo. Nisso, a característica de imediato que aflora é a inclusão digital. Para tanto, a conectividade é medular em sua concepção, no sentido de acesso ao conteúdo via internet em todo e qualquer espaço, indiscriminadamente.

Como a midiateca, a multiteca não invalida a instituição biblioteca. Todas cooperam para a divulgação e populari-

zação do conhecimento, via acesso à leitura. O que o escrito busca esclarecer é que adaptações a esses espaços se tornaram prementes para se pensar, estudar, analisar e implantar projetos de espaços dessa natureza aos padrões do modelo de uma biblioteca do século XXI, com todas as inovações tecnológicas desse tempo incorporadas a esses novos projetos.

RECAPITULANDO

À guisa de algumas considerações, tendo em vista as reflexões alcançadas com o desenvolvimento desse estudo, pode-se inferir que a condição ontológica das biblio/midia/multi/tecas vem, paulatinamente, reconfigurando, de forma profunda e sem precedentes, não somente a teoria em si e as práticas em seu entorno, como, sobretudo, os modos de valorar, como um todo, a cultura digital.

Pelo trajeto percorrido até aqui, com a associação de conceitos, campos de estudo, contextos e experiências, o que se propõe é justamente vislumbrar, na inserção do cotidiano contemporâneo, a influência do digital e da conectividade. As mudanças são, de fato, conjecturas pelo modo de vida das pessoas, não simplesmente pelo acesso à tecnologia.

A linguagem multissensorial, com os sentidos nas relações, possibilita formações linguísticas para as conexões, com significados e sentidos que produzem uma unidade semântica diacrônica e sincrônica. O que provoca a mudança é a relação dúbia de afetar e ser afetado em relação às experiências vivenciadas no mundo.

Semelhantemente, as mídias têm avançado significativamente, emergindo outras tendências híbridas, convergentes e fluidas, enquanto meios, canais, veículos, suportes, em que se processam os signos verbais, não verbais e ideológicos. Tais tendências decorrem de avanços científicos e tecnológicos, como fontes de transmissão em processos comunicativos, com a inserção de uma política midiática de conexão, acesso e compartilhamento.

Compreender a cultura contemporânea como um rio – nada sereno, ininterrupto e contínuo –, seguindo o curso fluido, alastrado e inusitado em sua essência, a conectividade extravasa o pensamento na experiência social com a tecnologia intrínseca e inerente à vida humana moderna.

As transformações ora em decurso, abundantes e caudalosas, espraiam torrentes de devir, para que pesquisadores da cultura contemporânea possam imergir, reconhecendo novas afluências teóricas e práticas.

Em se tratando de (in)fluências da cultura contemporânea, há uma possibilidade infinda no uso de variedades de dispositivos tecnológicos, com viabilidade de contribuições percebidas no cotidiano da vida humana social, que pode ser otimizada pela implantação de Humanidades Digitais, enquanto método teórico e prático.

A tecnologia, potencialmente, pode mudar o contexto digital, no entanto, na prática, quem muda o contexto social são as pessoas, quando adquirem conhecimento e práticas capazes de provocar essa mudança. Ademais, basta considerar que o campo da cultura se firma tão somente na coletividade, como traços de compartilhamento social. A cultura é inabalavelmente cravejada nos seres humanos, justamente pela experiência e pelo compartilhamento.

Reiteradamente, pode-se observar como fator determinante que uma pessoa não nasce em uma cultura, mas a cultura nasce em uma pessoa, exatamente por conceber que a cultura é fruto das experiências sociais. É somente a partir dessa assertiva inquestionável, tomando por base as experiências envoltas no social, que se torna possível contextualizar pessoas, inferindo sobre costumes e valores pessoais, bem como seus pensamentos e ações.

As bibliotecas, representadas como *locus* de leitura em objetos materializados, têm acompanhado as mudanças pujantes da cultura contemporânea. Os espaços tradicionais têm sido redimensionados, por meio da cultura de acesso e compartilhamento, sem a ênfase restrita na posse e guarda. Todavia, o acesso ao conhecimento e à informação no espaço convencional e sistêmico e no espaço da conectividade deslizam no entremeio, exatamente, pelas possibilidades de integração de novas configurações.

A multiteca, objeto de estudo dessa pesquisa, representa uma abrangência aos termos biblioteca e midiateca, com o prefixo multi, na indicação de ultrapassar os conteúdos midiáticos, com a presença indelével da conectividade,

sem obrigatoriedade nas midiatecas, agregando, por conseguinte, multi possibilidades de experiência de acesso e compartilhamento.

Desse modo, o estudo insertou um exercício de cultivo de compreensão de classificação dos espaços diferenciados de leitura, enxertados por alterações mediante práticas inovativas, levando-se em consideração espaço e tempo flexíveis, remodelados e redimensionados nesse contexto contemporâneo.

O rebento dos conceitos de biblio/mídia/multi/tecas apresentou relações balizares, não fronteiriças, de deslocamentos, no que tange ao acesso e até mesmo compartilhamento de conteúdos de leitura.

Nessa abordagem, o estudo aflorou o entendimento de espaços de leitura contemporâneos como possibilidade de se tornarem espaços organísmicos que vigoram nos férteis terrenos sociais, como lavouras reprodutoras de sementes do porvir, de acordo com traçados orientadores em meio às contingências atuais.

No entendimento de que não se elide a compreensão do espaço material, sistêmico, funcional, esse atual espaço contemporâneo de leitura e acesso ao conhecimento é significado enquanto novo hábitat urbano e fértil, com essência reprodutiva.

O florescimento e o desabrochar de novos significados a esses novos espaços podem ser potencializados e expandidos, por meio de (im)plantação e apoio de políticas públicas culturais que incentivem e possibilitem a existência e desenvolvimento de ações propostas, promovendo mudan-

ças nos cenários ressequidos de políticas públicas da área, convocando os atores sociais para cultivarem novas visualidades de realização, intervindo e produzindo um campo florido de experiências sociais significativas e atualizadas.

Os projetos de espaços de leitura que inserem conectividade, *verbi gratia*, são arquétipos claros da subversão educacional, cultural, artística, como uma nova modalidade, utilizando-se de um novo espaço e provocando novas experiências. Tal perspectiva, inclusive, justifica-se pela própria ontologia da cultura digital que faz reconhecer a base comum digital de distintos produtos da cultura.

Essa leitura que se vê constituída na dinamicidade, no movimento, consolidada pelo diálogo da interioridade com a exterioridade, torna-se original, singular e transcende o ordinário e previsível. Tal experiência, com novas visualidades, ultrapassa a percepção espaço-temporal, sobrepujando os nossos próprios limites enquanto leitores.

Dessa forma, o estudo de configurações e formatações de espaços de leitura e suas relações perpassa o sistema cultural e não em estudos de fatos culturais isolados. O sistema se apresenta como um deslocamento no funcionamento de espaços limítrofes. Nesse sentido, nos espaços de práticas culturais, emergem outras práticas, ancorando distintas formas de desdobramentos nas dobras e redobras sociais.

O estudo ora aqui proposto apontou os espaços midiáticos; os espaços múltiplos com uma leitura em espaços de conectividade, que revela a palavra liberdade por meio do fluxo e da interação; e a tônica da acessibilidade, por meio

de uma nova prática, concedendo a possibilidade de construir significados em outros (includentes) olhares de leituras.

Um caminho aberto para se compreender como a medida de controle do fluxo de informações, por meio de outras vias de acesso pode equivaler a uma outra forma de correlação entre tais domínios. Espaços de liberdade para indivíduos participarem e interpretarem experiências múltiplas.

Muito além de sucedâneas ou limítrofes, as bibliotecas contemporâneas se constituem amalgamadas em propósitos, enriquecendo experiências possíveis nesses espaços plurissensoriais.

REFERÊNCIAS

BÁEZ, Fernando. **História Universal da destruição dos livros das tábuas suméricas à guerra do Iraque**. Tradução de Léo Schlafman. Ediouro. 2004. Disponível em: http://www.uel.br/cc/dap/wp-content/uploads/2017/05/História-Universal-da-Destruição-dos-Livros-Fernando-Baez.pdf. Acesso em: 2 mar. 2019.

BELTING, Hans. **Imagem, mídia e corpo**: uma nova abordagem à Iconologia. Tradução de Juliano Cappi. Ghreb. Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia. São Paulo, n. 08, p. 32-60, jul. 2006.

BÍBLIA, Português. Apocalipse. In: **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CARVALHO JÚNIOR, José Murilo Costa. Instituições de Memória na Cultura Digital: Qual o papel dos Museus? In: ROCHA, Cleomar; MAGELA, Magali Guedes (orgs.) **Cultura e Pensamento**: Cultura Digital e Economia da Cultura. Goiânia. Gráfica UFG, 2018. pp. 37-47.

CONQUERGOOD, Dwight. Performance Studies: Interventions and Radical Research, **TDR**: The Drama Review, vol. 46, n. 2, (T174, Summer). 2002. Disponível em: http://www.csun.edu/%7Evcspc00g/301/psinterventions-tdr.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FLOWER, Derek. **Biblioteca de Alexandria**: as histórias da maior biblioteca da antiguidade. Tradução de Otacílio Nunes e Valter Ponte. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no ocidente. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

KERCKHOVE, Derrick de; ALMEIDA, Cristina Miranda de. From Point of View to Point of Being. In: **Poéticas Visuais**, Bauru, v 6, n. 1, p. 116-129. 2015. Disponível em: http://www.poeticasvisuais.com.br/wp-content/uploads/2016/03/V6N1-final-Destaques.pdf. Acesso em: 23 fev. 2019.

LECOCQ-MULLER, Nice. A imprensa, o Incunábulo e a emancipação do Livro Impresso. **Revista de História.** Departamento de História. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. v. 3 n. 8 (1951). Disponível em: http://www.revistas. usp.br/revhistoria/article/view/35022. Acesso em: 23 fev. 2019.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA, Leandro Antônio de. **Apocalipse como literatura**: um estudo sobre a importância da análise da arte literária em apocalipse 12-13. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012.

MARINHO, Raimunda Ramos; PEREIRA, Lilia de Jesus Silva; PEREIRA, Liliane de Jesus Silva. Midiateca: uma nova terminologia ou um conceito ampliado de biblioteca? In: **XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documento e Ciência da Informação** – Florianópolis, SC, Brasil, 07 a 10 de julho de 2013. Disponível em: https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1415/1416. Acesso em: 2 mar. 2019.

MARTINS, Dalton. As práticas da cultura digital. In: ROCHA, Cleomar; MAGELA, Magali Guedes. (orgs.) **Cultura e Pensamento**: Cultura Digital e Economia da Cultura. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. pp. 11-25.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**: volume único. Org. Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345-346. Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira.

PINHO, Antônio Carlos; MACHADO, Ana Lúcia. **História e origem das bibliotecas**. Disponível em: http://www.slinestorsantos.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/2590/17/arquivos/File/Biblioteca/bibliotecaorigem.htm. Acesso em: 23 mar. 2019.

PORTAL DA REDE DE MEDIATECAS DE ANGOLA. Disponível em: http://www.mediatecas.gov.ao/ao/gca/index.php?id=38. Acesso em: 2 mar. 2019.

PRESNER, Todd. **Digital Humanities 2.0**: a report on knowledge. 2010. Disponível em: http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.469.1435&rep=rep1&type=pdf. Acesso em: 15 nov. 2018.

ROCHA, Cleomar. Ignição: a era da conectividade. In: ROCHA, Cleomar; SANTAELLA, Lúcia. (orgs.). **Ignições**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017. p. 59-67.

ROCHA, Cleomar. Pensamento sobre a cultura. In: ROCHA, Cleomar; MAGELA, Magali Guedes (orgs.) **Cultura e Pensamento**: Políticas Públicas Culturais e Cultura de Fronteiras. Goiânia: Gráfica UFG, 2018a. p. 23-31.

ROCHA, Cleomar. De prisões e aprendizagens em rede: AVA e o conceito H. In: **Revista Anápolis Digital**. Vol. 5, n.1, 2018b.

ISSN 2178-0722. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1XrugYlUFgLHiL3hrJH0nGfE-qGlhxVOj/view. Acesso em: 2 mar. 2019.

ROCHA, Cleomar. O pensamento e sua permanência na cultura. **Inquietações**: sociedade, inteligência e tecnologia. Goiânia: Gráfica UFG, 2019a.

ROCHA, Cleomar. Conectividade: a cultura do acesso e do compartilhamento. **Inquietações**: sociedade, inteligência e tecnologia. Goiânia: Gráfica UFG, 2019b.

RODRIGUES, Olira Saraiva. **Museus em REDESenvolvimento?** 2017. 200 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SALDARRIAGA, Nathalia María Restrepo. Contenidos digitales que fortalecen las representaciones culturales. In: ROCHA, Cleomar; MAGELA, Magali Guedes (orgs.) **Cultura e Pensamento**: Cultura Digital e Economia da Cultura. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. p. 61-71.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós- humano. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003. quadrimestral. Disponível em: http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf. Acesso em: 10 nov. 2018.

SILVA, Bianca Martins da; TADA, Elton Vinícius Sadão. Estudo sobre a linguagem visionário-apocalíptica contida na narrativa bíblica do livro de Apocalipse de João. (s. d.) **VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar UNICESUMAR** – Centro Universitário Cesumar. Editora CESUMAR. Maringá. Paraná.

SONZA, Andréa Poletto et al. Centro Tecnológico de acessibilidade do IFRS – produção de tecnologia assistiva de baixo custo. In: BANDEIRA, Ana; ROCHA, Cleomar; SANTANA, Vanessa. **Acessibilidade**: práticas culturais e tecnologia assistiva para a cidadania. – Dados eletrônicos – Goiânia: Gráfica UFG, 2018. p. 25-41.

WILSON, Simón Pérez. La Cultura Digital: Lecturas y formas de acción. In: ROCHA, Cleomar; MAGELA, Magali Guedes (orgs.) **Cultura e Pensamento**: Cultura Digital e Economia da Cultura. Goiânia: Gráfica UFG, 2018. p. 73-85.

SOBRE O LIVRO

Formato:	15,5x23 cm
Tipologia:	Gotham book
Número de Páginas:	84
Suporte do livro:	E-book

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
BR-153 – Quadra Área, Km 99 – 75.132-903 – Anápolis-GO
www.ueg.br / Fone: (62) 3328-1181

2019
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

ISBN 978-85-5582-066-3

Neste novo século, a sociedade encontra-se em uma conjuntura de acelerada reconfiguração. Embora esse processo seja uma constante social, na atualidade, torna-se mais dinâmico e intenso. Tais reconfigurações afetam todas as esferas, seja no contexto histórico, seja no contexto cultural, a sociedade está cada vez mais imersa a linguagens, tecnologias e influências diversas, advindas de novos processos comunicacionais.

Todo esse contexto faz eclodir uma realidade que se torna evidente: a necessidade de se ponderar o aspecto fluido do lugar na contemporaneidade e, nesta obra, interessa olhar para a biblioteca – não enquanto espaço físico, mas espaço cultural – em metamorfose, por meio de novas formatações para atender seus usuários ao mesmo tempo em que esses mesmos são a mudança em exercício, isso sem desconsiderar os aspectos formais e simbólicos do ambiente materializado.

Assim, o conceito Multiteca surge, a partir da diversidade de tecas (coleções), com o prefixo multi, na indicação de ultrapassar os conteúdos midiáticos com a presença indelével da conectividade, agregando multi possibilidades de experiência de acesso e compartilhamento.

EDITORA UEG